

RESENHA do Livro:**Dez Argumentos Para Você Deletar Agora Suas Redes Sociais, de Jaron Lanier****Karolline Vicente da Silva¹**

A primeira instância, parece clichê reforçar a ideia de que as mídias sociais estão cada vez mais dominando os meios sociais, o comportamento das pessoas, e conseqüentemente, a relação entre os indivíduos. Para quem estuda as ciências humanas, talvez essa questão esteja ainda mais evidente. Mas talvez, ainda que haja evidências de alerta e uma conscientização mínima, falta uma real ação para conter o poder que a tecnologia, em específico as redes sociais, mantém sobre seus usuários.

Talvez, nesse ponto, caiba bem as reflexões que o livro do cientista da computação estadunidense, Jaron Lanier, promove através de meras 192 páginas. Apesar do livro ser breve, a leitura não é tão rápida, e melhor, os argumentos trazidos de fato não se tornam efêmeros ao pensamento. A escrita irônica, e por vezes satírica, tenta amenizar (ao mesmo tempo que alfinetar) como a grande engenhosidade das redes se tornaram uma autoridade social – e também como “deixamos” com que ela ganhasse tal domínio. A intuição do livro, ao fazer apontamos críticos sobre o uso das redes sociais, não é induzir o leitor simplesmente a se abster das redes e da internet em geral, mas ressignificar seu uso e o modo como nós, enquanto usuários, tendemos a ceder nosso livre-arbítrio a tecnologia.

A partir de dez capítulos, com subcapítulos mais direcionadas a alguns temas mais específicos, o escritor consegue apresentar uma espécie de *backstage* que somente um tecnólogo de informação conseguiria explicar e explorar a fundo, pensando em transformar a ótica do leitor sobre o funcionamento das redes. Por expor um conteúdo crítico, a leitura pode ser um pouco densa, necessitando de alguns minutos de pausa

¹ Estudante de Jornalismo da Fapcom

para absorção. Mas é pouco provável que em cada uma dessas pausas, não haja uma reflexão interior e pessoal, analisando nosso comportamento dentro e fora da internet, o tempo que dispomos a ela e todas as demais alterações sociais que ela nos propôs a modificar – e nós o fazemos, inconsciente, mas o fazemos.

Logo no início do livro, o autor nos propõe a comparação da modificação do comportamento através das redes sociais com o behaviorismo, cuja teoria psicológica tinha como intuito estudar o comportamento humano por meio de experimentos de observação. Um dos principais conceitos do behaviorismo, que foi desenvolvido pelo psicólogo e filósofo norte-americano Skinner, é a alteração do comportamento mediante reforços e punições. Ou seja, as mudanças comportamentais se dão como resultados a um estímulo individual (positivo ou negativo) ocorrido no meio. De modo resumido, Skinner enxergava o livre-arbítrio como uma ilusão humana, vendo as ações individuais como consequências a outras.

Tendo isso em vista, fica evidente como os estímulos das redes sociais se exercem da mesma forma como o behaviorismo na atualidade. Podemos entender as curtidas como “recompensas” e os *unfollows* como “punições”. Mas, de uma forma ainda mais opressora, os choques elétricos também podem ser analisados, hoje em dia, como a cultura do cancelamento. E tudo isso modifica o nosso comportamento diante das redes sociais. Um exemplo muito claro, são os *influencers* e a sua dinâmica com seus seguidores. A todo instante fogem de feedbacks negativos e tentam ao máximo criar uma “identidade de marca” – pois, assim como passamos a perceber (e a leitura do livro também contribui para isso), nos tornamos produtos dessa engrenagem. Também pegando como exemplo a negligência de algumas “figuras públicas” no contexto da pandemia, – em que se mostraram irresponsáveis ao aglomerar – após receberem feedbacks negativos contra tal comportamento, retornam as redes sociais com lágrimas aos olhos e um discurso bem estruturado, com intenção de “corrigir” seu comportamento.

Na sequência dos capítulos, para continuar sua denúncia ao Vale do Silício (com foco maior ao Facebook e ao Google), Lanier acaba por batizar todo esse sistema de

“Bummer”, que seria uma máquina de fazer cabeças. Na verdade, a expressão é um acrônimo da frase “Comportamento de Terceiros, Modificado e Transformado num Império para Alugar” (do inglês “Behaviour of Others, Modified, and Made into an Empire for Rent”). A Bummer é explicada contendo seis partes (A, B, C, D, E, F). **A** de Aquisição de atenção que resulta na supremacia do babaca. **B** de meter o Bedelho na vida de todo o mundo. **C** de Comprimir conteúdo goela abaixo das pessoas. **D** de Direcionar o comportamento das pessoas de maneira mais sorradeira possível. **E** de Embolsa dinheiro ao deixar que os maiores babacas ferrem secretamente todas as outras pessoas. **F** de multidões Falsas e Falsificadoras.

A Bummer vive nas nuvens da computação. Ou seja, é uma máquina estatística que calcula os algoritmos, ou melhor, as chances de tal usuário se comportar de determinada forma, ou de modificar seu comportamento em função de algum estímulo. Já compreendemos o quanto tais probabilidades possuem grandes chances ao acerto, mas para complementar a absorção das críticas de Lanier, o documentário “O Dilema das Redes” (2020), produzido pela Netflix, é um bom acréscimo.

No longa, além do próprio Lanier expressar sua visão, nos é trazido o parecer de outros especialistas em tecnologia e profissionais da área, como Jeff Seibert, Tristan Harris, Tim Kendall, Justin Rosenstein, Sean Parker, Chamath Palihapitiya (estes dois últimos também mencionados no livro), e outros, reforçando como até eles mesmos desacreditam do quanto as redes se tornaram tão prejudiciais. Com isso, é possível entender que, apesar de ter sido criadas com bons propósitos, o capitalismo tomou posse da estrutura central – e sem ele, a Bummer não funcionaria.

A questão econômica é desenvolvida juntamente com o aspecto político nos argumentos oito e nove do livro. As eleições dos Estados Unidos de 2016 é levantada e explorada ao longo das páginas, de modo que também é possível fazer um paralelo mental com as eleições de 2018, no Brasil. Nos dois eventos, as redes sociais tiveram um papel fundamental para o candidato (nos Estados Unidos, Trump, e no Brasil, Jair

Bolsonaro) ganhar as eleições e surpreender até os próprios profissionais da comunicação que acompanhavam e monitoravam os dados.

O modo como a Bummer cria um “universo” diferente para cada usuário limita sua visão, colocando-o em bolhas cada vez mais fechadas. Esse é um dos principais fatos que manipula e dissemina a intolerância e discordâncias nas redes, o que, deste modo, acaba propagando e amplificando a dicotomia em um país. E isso foge totalmente da “missão” do Facebook. Desde o início de sua fundação, Mark Zuckerberg dizia que a rede tinha o propósito de “tornar o mundo mais aberto e conectado”, mas em 2017, com o avanço da euforia americana, o lema oficial foi ressignificado para “dar às pessoas o poder de construir comunidades e aproximar o mundo”. Talvez, em ambos os casos, ele não tenha percebido o equívoco, ou quem sabe, esteja apenas vivendo em sua própria bolha.

Assim, como um dos argumentos do livro, o egoísmo e o individualismo é um traço em comum dos usuários das redes. E, além disso, a ilusão das redes nos rouba felicidade e essa autopercepção mais humana, que somente fora delas talvez seja possível sentir de fato. Estar nas redes, conectado, além de despertar uma ânsia por status e poder (o que resume a “vida de Instagram” como perfeita e plena), fomenta a competitividade, a insuficiência, o ódio gratuito, e várias outras condições maléficas ao indivíduo.

Uma difícil realidade para a Geração Alpha (nascidos a partir de 2010), cujo desenvolvimento será “travado”, desde o princípio, com a tecnologia. Apesar dos muitos pontos positivos da internet para essa geração – que é a primeira a ser 100% digital – o bombardeio de informações e a interação virtual a todo instante, pode dificultar a separação da vida real da online.

Se anteriormente a chegada desses “nativos digitais” McLuhan (1964) compreendia os meios de comunicação como uma extensão do homem, na atualidade, essa teoria é mais perceptível do que nunca. Além do hábito de acordar e já pegar no celular ou ir ao banheiro com o aparelho nas mãos, a “experiência” do viver cotidiano convergiu para as comunidades online, se transformando na própria sociedade do

espetáculo, premeditada por Debord (1967). A hiperconectividade passa então a andar lado a lado com a alienação. E assim, os indivíduos já não conseguem mais viver fora das telas dos celulares, perdidos nos feeds infinitos, aceitando uma suposta identidade virtual, ao mesmo tempo que deixando de compreender a sua própria, no estado físico e existencial.

Os efeitos desse estado de desfoque desenvolve um sub-grupo dentro desse coletivo maior. Enquanto, por um lado, há quem vive nas redes como se fosse uma vida alternativa, por outro, há também aquele em que a saturação das informações já não o contenta mais. Ambos dentro de uma bolha, mas com percepções variadas e emoções em dois polos contrários, a partir do impacto da rede sobre si. O blasé se instaura, exprimindo completa indiferença diante do excesso de estímulos, e deste modo, testificam grande parte dos argumentos de Lanier para a exclusão das redes sociais:

1. Você está perdendo seu livre arbítrio;
2. Abandonar as mídias sociais é a maneira mais objetiva de resistir à insanidade de nossos tempos;
3. As mídias sociais estão transformando você em um idiota;
4. As mídias sociais estão minando a verdade;
5. As mídias sociais estão fazendo o que você diz sem sentido;
6. As mídias sociais estão destruindo a sua capacidade de empatia;
7. As mídias sociais estão deixando você infeliz;
8. As mídias sociais não querem que você tenha dignidade econômica;
9. As mídias sociais estão tornando a política impossível;
10. As mídias sociais odeiam a sua alma;